

## A FORMAÇÃO INICIAL DE GRADUANDOS DE CIÊNCIAS NATURAIS E O OBJETO DA SURDEZ: LIMITES E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DE LICENCIADOS DA UFPA/CAMETÁ.

Gleicilene Ferreira Monteiro -UFPA<sup>1</sup>  
Waldma Maíra Menezes de Oliveira- UFPA<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho intitulado “a formação inicial de graduandos de ciências naturais e o objeto da surdez: limites e possibilidades na formação de licenciados da UFPA/Cametá”, o objetivo desse trabalho é analisar e problematizar os dizeres dos graduandos de ciências naturais sobre o objeto educação de surdos e Língua Brasileira de Sinais. Em síntese, o presente artigo fará uma abordagem sobre a surdez no campo legal e sobre formação de professores. O procedimento metodológico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa se caracterizou em uma abordagem qualitativa, característico de um estudo de caso. Para coleta de dados utilizou-se a entrevista semi-estruturada e a análise de conteúdo dividido em categorias analíticas. Dessa forma, os resultados obtidos destacam que a disciplina Libras, com 51 horas, na matriz curricular do curso de ciências é a única que proporciona conhecimentos relacionados a surdez, contudo, é unânime na fala dos entrevistados a superficialidade encontrado em relação aos conteúdos da disciplina, segundo os entrevistados somente ela não é o suficiente para a aquisição de conhecimentos necessários ao professor para desenvolver uma aula de ciências que realmente os alunos surdos entendam o assunto que está sendo ministrado fazendo uso da Libras e metodologias diferenciadas, como por exemplo, os recursos imagéticos. Somando-se a isso, destaca ao fato da disciplina ser ofertada no último semestre da grade curricular, após as disciplinas de estágios e práticas docentes, também foi questionado, principalmente por aqueles que tiveram experiências no período dos estágios com alunos surdos.

**Palavras-chave:** Formação inicial. Surdez. Libras.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “A formação inicial de graduandos de ciências naturais e o objeto da surdez: limites e possibilidades na formação de licenciados da UFPA/CAMETÁ, ressalta a importância da formação inicial como fator primordial para preparação do professor para atuar em classe regular heterogênea, que possivelmente terá aluno surdo inserido.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará – UFPA/Cametá, bolsista da Divisão de Inclusão Educacional – DIE, pesquisadora do Grupo de Estudos Surdos na Amazônia Tocantina – GESAT, [lenemonteiro1996@gmail.com](mailto:lenemonteiro1996@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora Assistente II da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Coordenadora do Grupo de Estudos Surdos na Amazônia, da Especialização em Educação Inclusiva no Campo e da Divisão de Inclusão Educacional – DIE da Universidade Federal do Pará – Campus Cametá. E-mail: [waldmamaira@hotmail.com](mailto:waldmamaira@hotmail.com)

Esse estudo foi motivado através de experiências vivenciadas na Divisão de Inclusão Educacional – DIE<sup>3</sup> e no Grupo de Estudos Surdos na Amazônia Tocantina – GESAT<sup>4</sup>, ambos na UFPA/Cametá, em que tive o contato com pessoas surdas e sobre o objeto da surdez. A partir de então, começou a aquisição da Língua Brasileira de Sinais – Libras e entendeu-se a real necessidade de inclusão e aprendizagem de educandos surdos.

Reflete-se que esses conhecimentos acerca da surdez são de suma importância para os futuros professores, pois estes apresentam grandes chances de encontrar alunos surdos nas escolas de ensino regular. Em contrapartida, pensou-se que até então, no penúltimo semestre do curso ainda não havia apresentado nenhuma proposta de ensino voltada para o objeto da surdez. Contudo, os graduandos já haviam passado por umas disciplinas de estágio em que, alguns tiveram contato com alunos surdos, vindo a reflexão: de que forma se deu esse contato. Para tanto, foi ofertado no 7º e último semestre uma disciplina na área da surdez, sendo ela libras.

Este trabalho apresenta como objetivo, analisar e problematizar os dizeres dos graduandos de Ciências Naturais sobre o objeto educação de surdos e Língua Brasileira de Sinais.

Assim sendo, busca-se responder à seguinte problemática: Quais Representações Sociais os licenciados em Ciências Naturais, da Universidade Federal do Pará campus Cametá, possuem sobre o objeto da surdez e a educação de surdos?

## **METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos utilizados por base para o desenvolvimento da presente pesquisa, se distinguiu em uma abordagem qualitativa. De acordo com Ludke e André (1986, p.11) “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Caracterizada em estudo de caso, pois segundo Yin (2001, p.32): “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno

---

<sup>3</sup> Divisão de Inclusão Educacional – DIE, foi implementada no Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA em 09 de março de 2016, sob a coordenação da Profa. Msc. Waldma Oliveira. Tem como missão contribuir para implementação de políticas acessíveis no âmbito do Campus Universitário Tocantins/Cametá no intuito de garantir a eliminação de barreiras atitudinais, arquitetônicas, de comunicação e informação, de tecnologias assistivas e pedagógicas para o público-alvo atendido pelo DIE.

<sup>4</sup> Grupo de Estudos Surdos na Amazônia Tocantina- GESAT, Cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico no dia 09 de julho de 2015, o Grupo é coordenado pelas professoras Mestras Waldma Oliveira e Cyntia França, cujo objetivo visa desenvolver produções científicas, tecnológicas e artísticas acerca de estudos sobre Surdez no âmbito da diversidade e diferença como alteridade. As pesquisas nessas linhas incentivam a participação de interessados em todo o processo no sentido de formar pesquisadores e divulgar os resultados a partir da busca de estratégias e/ou alternativas para minimizar os déficits para a efetivação da inclusão socioeducacional dos Surdos da região Tocantina.

contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.”

Para elaboração desse trabalho, utilizou-se a entrevista semiestruturada, para Manzini (1990/1991, p. 154), “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Realizada nos meses de abril a maio de 2019, com a turma de Ciências Naturais 2016, regular noturno do Campus Universitário do Tocantins/Cametá.

O questionário foi de caráter optativo, ou seja, foi dado aos graduandos a opção de fazer parte ou não da pesquisa, assim sendo 24 graduandos se disponibilizaram em responder a entrevista, depois de esclarecido, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a realização e divulgação da pesquisa. É válido ressaltar que os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo, adotando nomes como: C1 a C24 ao se referir à fala dos entrevistados.

Para estudo dos dados coletados, trabalhou-se com “o material acumulado, buscando destacar os principais achados da pesquisa” Ludke; André, (1986, p. 48), e para a análise destes, criou-se categorias analíticas e descritivas, que ainda segundo as autoras "analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, [...] e as demais informações disponíveis (p.45).

Assim sendo os dados coletados foram sistematizados e sintetizado no presente trabalho, com o seguinte eixo temático: a) a formação inicial de graduandos de ciências naturais e o objeto da surdez: limites e possibilidades na formação de licenciados da UFPA/Cametá.

## DESENVOLVIMENTO

Em síntese, o presente trabalho fará uma abordagem sobre a **Surdez**, com base em Brasil (2005) definindo a surdez em seu campo legal, somando-se a isso, em Skliar (1998) para trabalhar a surdez enquanto diferença linguística, cultural e identitária. No que tange à **Formação inicial de professores de ciências**, tende a discutir o modelo de ensino de Paulo Freire (1985), intitulada educação libertadora, pautado no diálogo, em vez do modelo tradicional ainda presente nas escolas.

### Surdez um campo de investigação

Para haver comunicação e interação das pessoas surdas, vivenciou-se a língua própria e característica, no caso dos brasileiros, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

De acordo com Brasil (2002):

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, p. 01).

Uma das maiores conquistas da comunidade surda no Brasil foi a promulgação da Lei 10.436 de 2002, em que legitima a Libras, rompendo assim, com as barreiras linguísticas antes enfrentada pelos surdos que, agora podem fazer uso da sua língua natural sem restrições ou proibições, e ainda legalizando a Libras nos espaços públicos e a tornando obrigatória nos cursos de licenciaturas e fonoaudiologia.

Com o decreto nº 5.626 de Dezembro de 2005, os surdos ganham visibilidade e respeito perante as leis, mais precisamente no Art. 2º, em que desmistifica o conceito do surdo ser doente, ou incapaz de se comunicar oralmente, como a sociedade ouvinte, mas sim, caracterizado por ter sua própria língua, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. (BRASIL, 2005, p. 01)

Aqui vemos a definição de uma pessoa surda, ancorada na Lei, onde localiza a surdez no campo da deficiência por haver perda bilateral, parcial ou total da audição, e demarcando-o, salienta-se em dizer, pela sua maior característica, a utilização da Língua Brasileira de Sinais, delineando dentro de uma experiência visual, pautada em uma identidade diversificada.

Skliar (1998) traz também um novo olhar sobre essa diferença, “a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida, a surdez é uma experiência visual, a surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro do discurso sobre a deficiência”. (SKLIAR, 1998, p. 11). Essa nova forma de olhar, atenta para as características do surdo, na sua totalidade enquanto uma pessoa, olhá-lo para além da surdez, como pessoas que têm a língua gesto visual própria, se organizam, sabem o que quer, lutam por direitos e podem ser aquilo que eles quiserem.

No momento em que a sociedade ancora o surdo pelo ato de não ouvir e o materializa como incapaz, impossibilita-se de observar outros elementos que constituem o sujeito

surdo, como: a Língua Brasileira de Sinais, apreensão do mundo por suas experiências visuais e que são sujeitos bilíngues etc. (OLIVEIRA, 2019, p. 208).

Oliveira (2019) enfatiza que se prendermos apenas para o fator de o surdo não ouvir, ficaremos limitados a considera-los dentro do campo da limitação, não atentando para suas outras características. A autora demarca uma diferença do surdo, para além da utilização da língua de sinais, respeitando enquanto um ser completo, considerando suas particularidades linguísticas, sociais, afetivas, cognitivas e demais áreas que fazem parte de sua identidade.

### **A formação inicial de professores de ciências.**

O curso de Ciências Naturais, forma indivíduos para atuarem como professor de ensino fundamental menor do 6º ao 9 anoº. Dando oportunidade de conhecer sobre a docência, o ambiente escolar, as diversas metodologias utilizadas pelos professores. Assim sendo, o graduando cria expectativas em relação ao que almeja na graduação, mas nem sempre tais expectativas são supridas. De acordo com Saviani (2010)

A formação de professores deveria garantir uma sólida cultura que lhes permita atingir uma aguda consciência da realidade em que vão atuar associadas a um consistente preparo teórico-científico que os capacite à realização de uma prática pedagógica coerente. (SAVIANI, 2010, p. 53).

No processo de formação inicial de professores, é fundamental o contato com ambiente escolar para, conseqüentemente conhecer a realidade de como ela é fora da universidade, também, almeja a aquisição de conhecimentos relacionados à teoria, os conceitos científicos, os conteúdos propriamente ditos, os modelos de ensino, é a melhor maneira de colocá-los em prática.

Um método muito discutido e por sinal, muito criticado na sala de aula pelos estudantes é o método tradicional, considerado por muitos como ultrapassado, e monótono, em que o professor é intitulado como o único detentor da verdade, incapaz de errar, e os alunos são considerados como depósitos que armazenam as informações para no dia da “prova” copiarem para o papel, modelo esse intitulado por Paulo Freire (1997) como concepção bancária.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 1997, p. 58).

Assim sendo, baseou-se em Freire para defender o modelo de educação libertadora, defendendo as ideias do aluno e o colocando como prioridade nesse processo, mas que não se resume em simplesmente ouvir o que o aluno tem para dizer, e sim em uma relação democrática, para construir junto com ele um pensamento sólido afim de formar alunos críticos passando da condição passivo para o ativo.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91).

E quando tange a educação de surdos, a preocupação é ainda maior, pois, ressaltamos aqui duas hipóteses: 1) se na classe tiver um aluno surdo fluente em libras e não tiver o profissional tradutor/interprete de libras e 2) se na classe tiver um aluno surdo e ele não tiver domínio da língua de sinais?

No caso da educação de educandos surdos não é diferente, as metodologias tomam um papel de extrema importância, principalmente quando se considera a necessidade de utilizar-se a Língua Brasileira de Sinais, que é uma língua visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo é uma língua percebida pelos olhos, por isso, se faz necessário o uso de imagens coloridas, de diálogos, jogos entre outros recursos. Assim, a Libras, por ser de fácil acesso aos surdos, tem uma função extremamente importante que é a de comunicação e a de suporte linguístico para a estrutura do pensamento. (OLIVEIRA, 2013, p. 486).

O processo de aprendizagem de qualquer educando, parte principalmente da participação efetiva do professor em sala de aula, seu papel é fundamental para a construção do saber, e quando se fala de educandos surdos, não é diferente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para análises dos dados coletados, buscou-se sistematizar em categorias Ludke; André, (1986). Sendo elas: 1) Reflexões sobre o curso: PPC do curso: o dito e o feito. Nessa categoria, os graduandos puderam comentar sobre a organização do curso em relação a preparação para trabalhar com alunos surdos e como o curso pode melhorar nesse quesito.

### **Projeto Pedagógico do Curso - PPC: o dito e o feito**

No PPC do curso fala sobre habilidades e competências a serem desenvolvidas na disciplina de Libras, que são elas:

Conhecer a história da educação de surdos. Identificar as relações históricas entre a educação e a escolarização. Aprender a se comunicar com alunos surdos. As relações estabelecidas entre a família e a criança surda. A formação da identidade da criança surda filha de pais ouvintes. Identificar os principais sinais da língua dos surdos. (PPC, 2011, p. 16).

Ao confrontar o dito e o feito, conforme exigido no PPC do curso, perguntou-se aos entrevistados: “O seu curso em algum momento te preparou para trabalhar com alunos surdos? Se sim, como?”

Gráfico 1: se o curso preparou para trabalhar com alunos surdos.



Fonte: Elaboração das autoras

Segundo o gráfico apresentado, um grande quantitativo de alunos, somando um total de 67% dos entrevistados, destacam que o curso em nenhum momento os preparou para trabalhar com alunos surdos. O que é preocupante, pelo fato dos discentes estarem prestes a obter o título de licenciados plenos, e possivelmente atuar em uma escola, infelizmente, sem nenhum preparo específico para trabalhar com alunos surdos de maneira adequada

*C7: Não. O curso não me proporcionou preparo para trabalhar com alunos surdos em sala de aula.*

*C10: Não. Não tivemos um preparo para trabalhar com alunos surdos. A disciplina de libras só auxiliou na parte do conhecimento.*

Isso decorre de o fato da maioria dos cursos de licenciatura ofertarem uma única disciplina que proporcione conhecimentos acerca da surdez, sendo a disciplina Libras, com uma carga horária mínima de 51 horas. “Seguramente, é utopia considerar que as formas de ensino atuais têm preparado estudantes (futuros professores) para um trabalho eficiente com alunos Surdos”. (LOPES et. al, 2016, p. 22).

Contudo, 33% dos entrevistados, acreditam que o curso de alguma forma disponibilizou métodos que proporcionasse conhecimentos acerca da surdez, sendo a disciplina de Libras. Porém, questionam o curto período da disciplina, assim como o quantitativo de disciplinas nessa área disponibilizado em todo o curso e a superficialidade dos conteúdos ministrados pelo fato da disciplina ser muito corrida.

*C13: Sim, no curso não tive uma formação contínua, mas apenas uma disciplina isolada em toda a grade curricular.*

*C19: Sim. Aprendemos na disciplina de libras alguns métodos de ensino para trabalhar com alunos surdos em sala de aula, como aulas que fossem mais visuais, com slides, mas por pouco tempo que teve a disciplina, não foi o suficiente.*

Nascimento e Bezerra (2012) vem embasar a fala dos entrevistados:

Algumas instituições de ensino superior têm implantado essa disciplina em apenas um semestre com a crença de que é possível ensinar e aprender libras durante este período ou, pelo simples fato de desconhecer a especificidade presente no ensino-aprendizagem de uma língua sinalizada, cumpre com a lei sem dar a atenção merecida para o ensino de libras e para o papel fundamental que ela exerce na formação de profissionais que lidam com sujeitos surdos em todas as esferas da sociedade. (NASCIMENTO; BEZERRA, 2012, p. 76).

Dessa forma, a introdução da disciplina de Libras, apresenta um caráter de relevância para a formação dos docentes que acreditam que a mesma, apresentou aspectos essenciais para a futura docência, em que possivelmente encontrarão alunos surdos, porém, enfatizam novamente o quantitativo de disciplinas, carga horária e disposição da mesma no semestre.

Em seguida, perguntou-se a eles o que poderia mudar na grade curricular do curso de ciências naturais para que possa possibilitar os graduandos a atuarem com alunos surdos?

Dentre o que foi colocado pelos graduandos como melhoria, destacou-se três pontos que valem a pena enfatizar, que são eles:

### **1. Aumento da carga horária e do quantitativo da disciplina de libras.**

*C12: Acredito que para mudar, a disciplina de libras deveria ser inserida não só uma vez em nossa grade curricular, mas sim ser inserida em pelo menos 3 semestres, para assim tentar suprir um pouco dessa necessidade.*

*C17: Além de mudar a quantidade de horas, seria fundamental que esta disciplina fosse continuada a cada semestre, não só do curso de ciências, mas aos demais*

O decreto 5626/2005 que determina a disciplina de Libras nos cursos de fonoaudiologia e licenciaturas, por sua vez, não determina o quantitativo de horas a serem disponibilizados na disciplina de Libras, por esse motivo, as instituições de ensino têm toda autonomia em relação a carga horária a disponibilizar para tal disciplina. “algumas instituições de ensino superior têm

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



implantado a disciplina de Libras em apenas um semestre com a crença de que é possível ensinar e aprender Libras durante este período” (NASCIMENTO; BEZERRA, 2012 apud Lopes (et. al, 2016, p. 218).

Entretanto, apesar da superficialidade da disciplina, os discentes recordam da importância da mesma para sua formação. Dizendo que a disciplina de Libras contribuiu de forma significativa para desenvolver conhecimentos acerca da Libras e da surdez, e questionam que se a disciplina por sua vez, fosse ofertada em um período de tempo mais longínquo, o aproveitamento seria melhor, haja vista, a necessidade do educando surdo de aprender.

É neste sentido que se deve ressaltar a importância do ensino de Libras nos cursos de licenciatura, pois, além de propor oferecer a estes profissionais maior acesso ao conhecimento básico da língua de sinais, visa diminuir tais resistências, assim como as possíveis barreiras que se fazem presentes na relação professor-aluno. (LOPES ET. AL, 2016, P. 214).

Outra exigência dos alunos em relação a melhorias no curso em relação a preparação para trabalhar com alunos surdos seria:

## **2. A inclusão de disciplinas que proporcionasse conhecimentos acerca da surdez em demais disciplinas, incluindo prática docente e estágios.**

*C2: Inserir disciplina de libras no inicio da graduação, bem como nas disciplinas de pratica, possibilitar esse contato com alunos surdos, pois somente assim talvez quando nos alunos de graduação tivesse o contato com esse aluno saberíamos o que fazer.*

*C22: Inserir a disciplinas inclusivas em vários períodos da graduação para preparar os professores para todos.*

Os discentes reclamam do quantitativo da disciplina de Libras, pois eles precisam conhecer o público com que estão trabalhando, ou possivelmente irão trabalhar, pois somente através dessas informações pode-se chegar ao desenvolvimento de trabalhos e atividades que possam atender suas especificidades, uma vez que se conhece o objeto de estudo consegue-se chegar nas suas necessidades de forma mais específica, ou seja, se o aluno surdo tem mais facilidade de aprender por meio de materiais concretos do que por meio de imagens apenas, ou vice versa. A respeito disso, Aranha (2015) enfatiza:

O conhecimento sobre as características da surdez permite aqueles que se relacionam ou que pretendem desenvolver algum tipo de trabalho pedagógico com pessoas surdas, a compreensão desse fenômeno, aumentando sua possibilidade de atender às necessidades especiais constatadas. (ARANHA, 2005, p. 15)

Desse modo, pretende-se dizer que, somente os conhecimentos acerca da surdez e da Libras pode permitir ao professor o desenvolvimento de estratégias de ensino eficaz para o pleno desenvolvimento das potencialidades dos alunos surdos em sala de aula, pois a partir do

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

momento em que o professor conhece as características essenciais da surdez ele consegue elaborar estratégias em cima da necessidade educacional dos mesmos, isso quer dizer que, se o professor desconhece que é essencial trabalhar com recursos imagéticos com alunos surdos, ele não utilizará imagens em suas aulas por exemplo.

### **3. Oferta da disciplina Libras no início do curso antes dos estágios.**

*C6: Primeiramente que a disciplina atue no começo do curso, e segundo, que deviríamos ter um contato mais próximo com pessoas surdas durante a graduação, ou seja, antes de nos depararmos nas salas de aula.*

*C19: O curso de libras que estudamos só no último período de graduação é o suficiente para conhecer as várias formas de comunicação com surdos. Para podermos atuar de forma significativa enquanto professor precisaríamos ter a disciplina libras desde o primeiro período da nossa graduação, para que assim conhecermos todas as etapas de comunicação com alunos surdos.*

Entretanto, fala-se dessa importância para o professor manter contato direto com seu aluno surdo, para poder esclarecer possíveis dúvidas, e ter uma relação direta com seu aluno, não depende apenas do profissional tradutor/interprete para estabelecer comunicações, quando na escola possui esse profissional, quando não, o domínio da Libras se torna ainda mais útil “os alunos se interessam, fazem perguntas, analisam, criticam, fazem analogias, associações diversas entre o que sabem e os novos conhecimentos em estudo” (DAMÁZIO, 2005, p. 31).

Importa frisar, que quando é citado no decorrer do presente estudo, sobre a importância do professor de ciências saber a Língua Brasileira de Sinais, não fala-se com o intuito do professor da classe se tornar o intérprete de Libras, ou utilizar as duas línguas simultaneamente nas suas aulas, até por que não é essa função do professor.

Na verdade, os professores são professores e os intérpretes são intérpretes. Cada profissional desempenha sua função e papel que se diferenciam imensamente. O professor de surdos deve saber e utilizar muito bem a língua de sinais, mas isso não implica ser intérprete de língua de sinais. O professor tem o papel fundamental associado ao ensino e, portanto, completamente inserido no processo interativo social, cultural e lingüístico. O intérprete, por outro lado, é o mediador entre pessoas que não dominam a mesma língua abstendo-se, na medida do possível, de interferir no processo comunicativo. (QUADROS, 2004, p. 29 - 30).

Cada um desenvolve o seu trabalho que se distinguem entre si, porém o trabalho conjunto desses profissionais pode favorecer o educando surdo no processo de ensino aprendido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No processo de ensino e aprendizado, o professor é o principal responsável, e para isso, acredita-se que a formação inicial é o pontapé inicial e fundamental para a futura docência, pois nela se obtém os conhecimentos relacionados aos conteúdos específicos, nesse caso o de ciências, como também a oportunidade de conhecer diferentes metodologias de ensino, desde o ensino tradicional até as novas propostas educacionais, e caberá ao professor a escolha do melhor método ou o mais acessível para seus alunos. Isso implica dizer que, se o graduando na formação inicial não recebeu instruções para trabalhar com alunos surdos, quando for professor e tiver aluno surdo não saberá a maneira adequada de ensina-los.

E quando diz respeito a aula de ciências para alunos surdos? Reforça, ainda mais, a participação do professor nesse processo. Mas para tal, o mesmo precisa de uma boa formação para atuar de maneira efetiva a promover a inclusão dos mesmos e proporcionar uma educação de qualidade para os educandos surdos.

Primeiramente, o professor precisa conhecer o seu aluno surdo, e a surdez em seu aspecto legal, social, cultural e identitário (ARANHA, 2005, p. 15). E em seguida, conhecer as metodologias de ensino adequadas para trabalhar com alunos surdos. Para assim chegar a conclusão da melhor maneira de ensinar ciências para estes alunos.

Para tal, entrevistou-se a turma de ciências naturais da UFPA/Cametá, afim de compreender de que forma estava acontecendo a formação desses futuros professores de ciências para trabalhar futuramente com alunos surdos.

O que foi constatado, segundo a fala dos entrevistados, é que os graduandos não se sentem preparados para trabalhar com alunos surdos, embora o curso oferte uma disciplina que trabalhe os conhecimentos básicos da surdez, a disciplina Libras, contudo ela não consegue suprir as necessidades de aprendizado da Língua Brasileira de Sinais e nem de metodologias de ensino adequadas para trabalhar com esse público.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos. Secretaria de Educação Especial. Brasília: SEESP/MEC, 2005.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras. Disponível em: . Acesso em: 16 Abril de 2019.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 15 de Abril 2019.

DAMÁZIO, M. F. M. Educação Escolar de Pessoa com Surdez: Uma Proposta Inclusiva. 2005. 122f. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LOPES. R, A; MOURA. M, C, de; MASINI. E, A, F, S; TEIXEIRA. M, C, T, V; RIBEIRO. M, O. O ensino da língua brasileira de sinais (libras) em cursos de graduação em pedagogia: uma possibilidade real?. Trilhas Pedagógicas, v. 6, n. 6, Ago. 2016, p. 212-228.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

NASCIMENTO, M. V. B; BEZERRA, T. C. Dupla docência no ensino de língua brasileira de sinais: interação surdo/ouvinte em perspectiva dialógico-polifônica. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

OLIVEIRA, W, M, M, de. Processos educativos na disciplina de libras: representações sociais de graduandos de letras do parfor sobre a surdez. NOVA REVISTA AMAZÔNICA - VOLUME VII - Nº 01 - ABRIL 2019- ISSN: 2318-1346.

\_\_\_\_\_, Waldma Maíra Menezes de. A IMPOTÊNCIA DAS METODOLOGIAS NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS SURDOS. In: XII Congresso Internacional e XVIII Seminário Nacional do INES Educação de Surdos em Países de Língua Portuguesa Rio de Janeiro: INES, Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico, 2013. (p. 483-496).

Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais. Cametá. 2011.

QUADROS. R, M, de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004. 94 p. : il.

SAVINI, D. XX – formação de professores. In: Livro: Interloquções Pedagógicas: Entrevista. Entrevista ao Jornal das Ciências – USP de Ribeirão Preto em 2004. Editora Autores Associados, 2010.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.